



Segundo informações recentes da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física - Brasil, no acumulado de 12 meses, até maio de 2008, a produção industrial brasileira, segundo o IBGE, cresceu à expressiva taxa de 6,7%. Os dados coletados por esse Instituto, contudo, apontam para uma desaceleração do produto industrial no mês de maio de 2008 de -0,5%, em face de abril, mês imediatamente anterior. Em termos setoriais, esse recuo foi devido às pressões negativas provenientes de 16 das 27 atividades pesquisadas pelo IBGE, destacando-se as fortes quedas em: veículos automotores (-5,5%); máquinas e equipamentos (-4,7%); perfumaria, sabões e produtos de limpeza (-9,7%) e alimentos (-1,3%). Por sua vez, as pressões positivas originaram-se das demais 11 atividades, dentre as quais destacaram-se os aumentos em: bebidas (9,1%), refino de petróleo e produção de álcool (3,3%) e outros produtos químicos (3,1%).

Deve-se frisar que, além da elevação da base de comparação observada a partir de maio/2007, o menor número de dias úteis em maio de 2008 acabou influenciando as comparações desse mês com igual período do ano anterior. Assim, as informações do IBGE revelam que, na comparação maio/2008 com maio/2007, verificou-se um crescimento da atividade industrial de 2,4%. Para esse incremento contribuíram positivamente 15 das 27 atividades e a maior parte das categorias de uso pesquisadas. Dentre as 15 atividades, aquelas que obtiveram taxas de crescimento acima da média nacional foram: outros equipamentos de transporte (24,2%), veículos automotores (6,5%) e indústrias extrativas (7,2%). Segundo o Instituto, nessas atividades os itens que apresentaram maiores incrementos foram, respectivamente, automóveis e caminhões; aviões e motocicletas, além de minérios de ferro e petróleo. Com contribuições negativas e ainda na comparação maio de 2008 com igual mês de 2007, o IBGE listou os setores de fumo (-21,3%); máquinas

para escritório e equipamento de informática (-9,7%) e calçados e artigos de couro (-12,9%). Por sua vez, quanto às categorias de uso, especial destaque deve ser dado aos setores de bens de capital e de bens de consumo duráveis, os quais, embora tenham registrado crescimento positivo, respectivamente de 5,8% e de 6,0%, na comparação maio/2008 com maio/2007, foram os que apresentaram as menores taxas de crescimento desde setembro de 2006. Por seu turno, as categorias de uso bens intermediários (2,3%) e bens de consumo semi e não-duráveis (-0,1%), segundo o IBGE, também registraram desaceleração diante dos resultados alcançados em abril.

Quanto ao emprego industrial, deve-se assinalar que apesar do forte crescimento do produto industrial brasileiro, tanto no acumulado dos últimos 12 meses (6,6%) quanto no acumulado janeiro-maio de 2008 (6,2%), o processo de criação de novos postos de trabalho na Indústria continua bastante modesto. Números divulgados pelo IBGE e referentes à Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário indicam que, no acumulado de 12 meses - até maio/08, o emprego industrial apresentou taxa de variação positiva de 2,7%. Os números relatam, também, que em maio de 2008 o emprego industrial, na comparação com o mês imediatamente anterior, mostrou-se praticamente estável (-0,1%). Afirma o IBGE, todavia, que na comparação com igual mês de 2007, o emprego industrial completou 23 taxas positivas, situando-se o seu crescimento em 2,1%, impulsionado pelos resultados positivos registrados em nove dos 14 locais e em 12 dos 18 segmentos pesquisados pelo referido Instituto. Com maiores impactos positivos situaram-se os Estados de São Paulo (3,9%), Minas Gerais (3,5%) e região Norte e Centro-Oeste (2,3%). Em São Paulo, ganharam destaque os setores: máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (17,2%) e meios de transporte (9,2%). Na indústria mineira, os setores

que mais contrataram, nesse mesmo período de comparação, foram alimentos e bebidas (9,0%) e meios de transporte (15,9%). Nas regiões Norte e Centro-Oeste, o aumento no emprego também foi registrado em alimentos e bebidas (12,9%). Com quedas na ocupação, destacaram-se os Estados de Pernambuco (-4,9%) e Santa Catarina (-0,9%) influenciados, respectivamente pelas demissões nos setores de alimentos e bebidas (-10,0%) e madeira (-16,3%).

Quanto ao número de horas pagas, os dados do IBGE destacam que ocorreu queda de -0,7% em maio de 2008, na comparação com o mês imediatamente anterior, na série livre dos efeitos sazonais. Já na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas avançou 1,6% em virtude dos impactos positivos provenientes de oito dos 14 locais e de 11 dos 18 ramos pesquisados pelo IBGE. Já em termos setoriais, os maiores avanços foram detectados em máquinas e equipamentos, com variação positiva de 10,0%; meios de transporte, com avanço de 10,3% e produtos de metal, com incremento de 9,4%. Há de se assinalar, contudo, que fortes impactos negativos continuaram sendo registrados nos setores de calçados e artigos de couro, com recuo de -14,1%, no de vestuário com recuo de -6,5% e no de madeira, com queda de -9,0%.

Informa ainda o IBGE que, em maio de 2008, a folha de pagamento apresentou taxa positiva de crescimento (0,8%) em face do mês imediatamente anterior, enquanto no acumulado de 12 meses até maio de 2008, o incremento foi positivo e igual a 6,1%.

Enfim, os dados do IBGE confirmam o modesto crescimento do emprego industrial (2,7% no acumulado de 12 meses até maio) em comparação à taxa de crescimento do produto industrial registrada em igual período (6,7%).

O IBGE, em outra pesquisa, a mensal de emprego, aponta que a taxa de desocupação em maio de 2008 foi de 7,9%, e que essa taxa recuou 0,6 ponto percentual

em relação ao mês imediatamente anterior. Esse Instituto também indica que o contingente de pessoas ocupadas, estimado em 21,5 milhões em maio de 2008, para o total das seis regiões metropolitanas, não mostrou variação em relação ao mês imediatamente anterior; porém, registrou um crescimento de 4,6 % em face de igual mês de 2007.

Quanto ao rendimento médio real habitualmente recebido pelos trabalhadores, conforme o IBGE, em maio de 2008, o valor foi estimado em R\$1.208,20 (um mil, duzentos e oito reais e vinte centavos), apresentando incremento positivo de 1,5% em relação a igual mês do ano anterior. Registra também o IBGE que o maior rendimento médio habitualmente recebido, em maio de 2008, foi no setor de Educação, saúde, serviços sociais, administração pública, defesa e seguridade social, no valor de R\$1.671,40, e que pouco mais da metade desse valor foi observado no setor da Construção (R\$ 952,80), enquanto o menor rendimento médio real foi observado em Serviços Domésticos (R\$ 449,90). Por seu turno, a massa de rendimento real efetivo da população ocupada atingiu R\$ 26,1 bilhões, segundo dados da Pesquisa Mensal de Emprego de maio de 2008, para o total das seis regiões metropolitanas.

Enfim, os dados referentes à produção, emprego, taxa de desocupação e salários pagos na economia brasileira revelam que, nos últimos meses, ocorreram ganhos expressivos em determinados setores industriais e categorias de trabalhadores. Essa trajetória de crescimento do nível de atividade deve continuar forte pelos próximos períodos e para tanto será necessária uma substancial melhora no crescimento da economia global nos próximos anos.

(*) Professor da FEA-USP.
(E-mail: enriquez@usp.br).